

NIJINSKY : O RETORNO DO MITO SOB UMA TRANS-HISTORICIDADE COREOGRÁFICA

Wagner Corrêa de Araújo^[*]

"A arte em evolução é mais importante do que uma lógica externa. Para mim, se esforçar para coreografar um balé puramente lógico, estritamente de acordo com sua narrativa, seria muito restritivo para o processo da criação"

Marco Goecke

Partindo desta premissa, o coreógrafo alemão *Marco Goecke* faz uma releitura incisiva e diferencial da trajetória artístico/existencial de *Vaslav Nijinsky*. Indo de sua meteórica ascensão como bailarino e coreógrafo dos *Ballets Russes de Diaghilev* à sua fase final como interno de um sanatório suíço, sem qualquer preocupação de rigorismo cronológico ou de realísticas caracterizações visuais.

Numa abordagem narrativa com prevalência atemporal, em minimalista concepção cênica, extensiva a um figurino básico (*Michaela Springer*) estilizado por malhas, pantalonas e mantos, com sutis referenciais de alguns dos balés interpretados por **Nijinsky** e de personagens que atravessaram sua trajetória. Ressaltados num palco praticamente nu, sob efeitos luminares (*Udo Haberland*) de escuridão e sombras.

O *Espectro da Rosa* através de simbólicas pétalas vermelhas sobre o palco, ou de uma gola de palhaço para definir *Petrushka*. Com a indumentária capa e cartola para identificar os assédios nervosos do possessivo ciúme de *Diaghilev* e uma metafórica lira desenhada na camiseta para marcar as entradas da musa da arte e da dança, *Terpsichore*.

Neste entra e sai de personagens da vida de **Nijinsky**, aparecem também sua mãe e sua irmã, além da bailarina *Romola*, sua mulher até a morte (1950), após seu rompimento definitivo com o amante e empresário *Serguei Diaghilev*.



NIJINSKY, Balé de Marco Goecke. Alessandro Cascioli, protagonista titular e Linda Messina (Romola)
Maio de 2021. Foto/Rosselina Gabo



NIJINSKY, de Marco Goecke. M. Morelli (Diaghilev). Maio de 2021. Foto/Rosselina Gabo

A trilha sonora, ao vivo, com arranjos do maestro *Manfredi Clementi*, é guiada por *Chopin* (Concertos Para Piano e Orquestra, nº 1 e 2), *Debussy* (Prélude à L'Après-Midi d'un Faune), além de uma curiosa inserção de tradicionais canções russas de ninar, em transcrição para naipes instrumentais, para marcar as lembranças memoriais do bailarino.

A linha coreográfica desta recente remontagem para o *Teatro Massimo de Palermo*, dentro do trabalho gestual típico de *Marco Goecke*, prioriza um gestual enérgico sustentado em movimentos pantomímicos irregulares, de forte carga digital e remetendo, por vezes, com tons expressionista ao cinema mudo. Com subliminares citações, através de braços e mãos esculpidas, de obras celebrizadas por *Nijinsky* como o Fauno, Espectro da Rosa e Sagração da Primavera.

Com coesa unidade interpretativa do **Corpo de Baile e Orquestra do Teatro Massimo**, pela disponibilização nas plataformas digitais desde sua *première* em 4 de maio. A psicofisicalidade dos protagonistas, especialmente através de M. Morelli (*Diaghilev*), Linda Messina (*Romola*) e Martina Pasinotti (*Terpsichore*), alcança original relevância com Alessandro Cascioli na performance titular

Este último potencializa um teatro coreográfico para tornar perceptíveis os variados estágios psíquicos de *Nijinsky*, da empatia e o vigor lendário dos anos de glória aos melancólicos anos de conflitos mentais como paciente psiquiátrico.

Num dimensionamento cênico/coreográfico que contrapõe a citação instantânea da elegância e leveza de papéis como o Fauno, *Petrushka* e Espectro da Rosa, com um prevalente frenesi de gestos, ora trêmulos ora sincopados, direcionados por recortes de um automatismo robótico. Incluída a interferência de respiração ofegante, gritos e murmúrios, com falas mudas, visualizadas por legendas explicativas e vozes em *off*.

Se este conturbado vocabulário coreocênico, às vezes tornando-se assumidamente provocador, pode incomodar o mais tradicional público balletômano, ao mesmo tempo, faz com que este *Nijinsky* tenha um magnetismo emblemático. Que, ecoando as intenções do processo investigativo de *Goecke*, visa alcançar uma trans-historicidade estética tão revolucionária quanto foi nas duas primeiras décadas do Século XX.

Nota

* WAGNER CORRÊA DE ARAÚJO - Jornalista especializado em cultura, roteirista, diretor de televisão, crítico de artes cênicas.